O BULLYING ESCOLAR NA PERSPECTIVA DO GÊNERO MASCULINO E FEMININO.

Valéria Rodrigues Gimenes Jabes, Jaqueline Batista de Oliveira Costa

Aluna do Curso de Pedagogia da UNOESTE - Presidente Prudente/SP. Docente do Curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD - Dourados/MS
Correspondência para Jaqueline Batista de Oliveira Costa - jakbatista15@gmail.com

RESUMO

A violência escolar é um problema presente na maioria das escolas, públicas ou privadas, uma realidade que tem se tornado um grave problema social. Dentre as formas de violência que atingem a escola, tem ganhado destaque o fenômeno *bullying*. Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivo geral identificar se existem diferenças entre a prática do *bullying* exercida por meninos e meninas, sua intensidade e características. Para a coleta de dados, utilizamos um questionário baseado no modelo estruturado pela instituição inglesa *Kidscape*, contendo questões dissertativas e de múltipla escolha. Essa pesquisa foi realizada numa escola pública municipal, localizada num bairro periférico da cidade de Presidente Prudente (SP). Participaram 52 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. Os resultados apontaram que existem diferenças na prática do *bullying* exercido por meninos e meninas. Eles são mais agressivos e fazem uso da força física, de fácil identificação; já as meninas apresentam sutileza nas suas agressões, tornando difícil a identificação da prática. Com relação aos efeitos e consequências nas vítimas, o estudo indicou semelhança nos dois gêneros: após as agressões não querem mais ir à escola e demonstram intenso desejo de revidarem a prática do *bullying* contra seus agressores.

Palavras-chave: Violência escolar, *Bullying,* Gênero, Escola.

THE SCHOOL BULLYING IN VIEW OF MALE AND FEMALE GENDERS

ABSTRACT

The school violence is a problem that exists in most of the schools, whether public or private, a reality that has become a serious social problem. Among various kinds of violence that reach the school, the *bullying* phenomena have gained prominence. In that sense, this work had as the main objective identify if exists differences between *bullying* practiced by boys and girls, its intensity and characteristics. For the data gathering, we used a questionnaire, following the structured model by the English institution Kidscape, containing essay and multiple choice questions. This research was realized in a municipal school, located in a suburban district of Presidente Prudente (SP) city, with 52 students of the 5th grade elementary school involved. The results show that there are differences in *bullying* practiced by boys and girls. Boys are more aggressive and use physical strength, being easy to identify; Girls aggression is more subtlety, being harder to identify the practice. Concerning the effects and consequences on victims, the study indicates a similarity in both genres: after the aggression, they didn't want to go to school anymore, showing the desire of retaliate the bullying practice, against their aggressors.

Keywords: Scholl Violence, *Bullying*, Gender, School.

1. INTRODUÇÃO

A violência escolar é um fenômeno preocupante, que tem se tornado um grave problema social. A escolha desse tema para pesquisa se deve à sua extrema importância nos dias atuais. Basta observarmos o espaço que esse assunto tem ocupado em todos os meios de comunicação, devido ao aumento crescente dessa prática no ambiente escolar nos últimos anos (FANTE, 2005).

Dentre os diversos tipos de violências que ocorrem no espaço escolar, estão as agressões física e verbal, denominadas *bullying*. Embora, o *bullying* seja considerado o assunto do momento, essa prática é antiga, pois, certamente, todos nós podemos nos lembrar de algum conhecido ou colega do nosso tempo escolar, que recebia algum apelido de que não gostava, simplesmente por ser mais gordinho, usar óculos, apresentar dificuldades na fala e, por isso, ser ridicularizado diante dos colegas, deixando-o chateado e humilhado.

O *bullying* escolar é um problema presente na maioria das escolas e precisa ser levado a sério. A escola não pode permanecer omissa, precisa atuar, repreendendo qualquer forma de violência, seja física ou psicológica, pois o caminho para superar o desafio do respeito ao outro e o entendimento da diversidade cultural deve passar pela sala de aula.

A escolha desse tema justifica-se devido à extrema relevância que ele assume nos dias atuais, pois de acordo com Cezar (2010, p. 81), "o fenômeno *Bullying* é um problema que precisa ser tornado visível, discutido e enfrentado com seriedade, firmeza e sem punições". A escola deve ser capaz de transmitir valores éticos e promover o desenvolvimento pleno de seus alunos, tornando-os capazes de exercerem sua cidadania, cientes de que não são detentores apenas de direitos, mas também de deveres, dentre estes, o respeito pelo próximo.

O presente estudo tem como objetivo geral identificar se existem diferenças entre a prática do *bullying* exercida por meninos e meninas, bem como sua intensidade e características. Dessa forma pretende-se contribuir para ampliar o debate em torno da importância de reduzir sua continuidade no ambiente escolar.

1.1. Sobre o conceito e características do *bullying*

As pesquisas sobre *bullying* são bem recentes, tornando-se um assunto relevante a partir da década de 1990, principalmente com Olweus (1993), Smith & Sharp (1994), Rigby (1996) e Ross (1996) (Apud LOPES NETO, 2004, p. 165).

O Coordenador do programa de *bullying* da Associação Brasileira Pais,

Infância e Adolescência (ABRAPIA), Lopes Neto (2005), afirma que é dentro da sala de aula que acontece grande parte dos casos de *bullying, e* o autor ainda diz que, na maioria das vezes, o professor desconhece essa prática.

O termo *bullying* é uma palavra de origem inglesa, a raiz da palavra *bullying* é *bully e* conforme tradução de Michaelis (2007) significa “brigão”.

De acordo com Fante (2005), "*Bully*, enquanto nome é traduzido como "valentão", "tirano", e como verbo, "brutalizar", "tiranizar", "amedrontar"." A mesma autora ainda traz a seguinte definição para *bullying:*

> [...] um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do "comportamento *bullying*" (FANTE, 2005, p. 28 -29).

1.2. Os agentes do *bullying*

As principais personagens envolvidas com a prática do bullying são: o agressor e a sua vítima. Para Silva (2010, p. 37) o agressor é aquele que desde cedo demonstra resistência às regras e “não gosta de ser contrariado, possui traços de desrespeito e de maldade geralmente associados a um perigoso poder de liderança; geralmente é mais forte fisicamente do que a vítima, e sente necessidade de mostrar essa força para sua autoconfiança”. As vitimas se subdividem em: *vítima típica* que “em geral é muito tímida, apresenta grande dificuldade de socialização, não consegue se impor verbalmente nem fisicamente, pois geralmente são mais frágeis”; *vítima provocadora*: aquela que provoca, atrai brigas, gosta de chamar a atenção, normalmente discutem ou brigam quando são atacadas ou insultadas e *vítima agressora*: aquela que por não conseguir reagir quando é agredida, transfere os maus tratos sofridos para outros, após ter sido agredido, ou seja, procura uma vítima ainda mais frágil e vulnerável, criando um efeito “cascata”, de difícil controle.

Quando pensamos no *bullying,* imaginamos que os personagens desta prática são o agressor e a sua vítima, contudo nos esquecemos daqueles que assistem, os espectadores, visto que o agressor sente prazer em praticar a agressão em frente a

outras pessoas, para demonstrar sua força e domínio, conforme afirmação de Fante (2005).

> [...] é o aluno que presencia o *bullying,* porém não o sofre nem o pratica. Representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor [...]. Alguns espectadores reagem negativamente, uma vez que seu direito de aprender em um ambiente seguro e solidário violado, o que pode influenciar sua capacidade de progresso acadêmico e social. (FANTE, 2005, p. 73 -74).

1.3. A Incidência da prática do *bullying* entre os meninos e entre as meninas: o que mostram as pesquisas.

Pesquisas realizadas por Silva (2010) revelam que a variedade de *bullying* exercida pelos meninos tem uma pequena incidência entre as meninas e que, provavelmente, a explicação para que essas atitudes masculinas sejam mais aparentes seja o fato de serem mais agressivos e utilizarem a força física. Já as meninas, por fazerem uso de intrigas, fofocas, isolamento do grupo de amigos, suas ações passam despercebidas, seja no convívio com a família, ou com os amigos na escola.

A ONG PLAN Brasil[1], desenvolve um programa de enfrentamento ao *bullying* escolar e realizou, no ano de 2009, uma pesquisa sobre essa temática, denominada "*Bullying* no Ambiente Escolar", apresentando seu relatório final no ano de 2010. Essa pesquisa teve uma abrangência nacional, foram selecionados cerca de 5.168 alunos de 5ª a 8ª série, das cinco regiões do território nacional, sendo que em cada região foram escolhidas cinco escolas, dentre elas uma particular.

A pesquisa apresentou os seguintes resultados: cerca de 70% dos alunos pesquisados presenciaram cenas de agressões entre colegas no ano letivo, 30% afirmaram ter vivenciado pelo menos uma situação de violência durante o período e 10% disseram ter praticado e sofrido *bullying* no ambiente escolar. As regiões Sudeste e Centro-oeste são as que mais apresentam a prática do *bullying* dentro da escola. Com relação a faixa etária, a que mais apresentou incidência dessa prática foram os alunos da sexta série do ensino fundamental, com idade entre 11 a 15 anos.

O mesmo estudo ainda apontou que os meninos são as maiores vítimas do *bullying*. Cerca de 34,5% dos alunos pesquisados, revelaram que sofreram maus tratos e desses, 12,5% afirmaram terem

1 Organização não Governamental Plano Brasil de origem inglesa, ativa há mais de 70 anos e que defende os direitos da infância. Está disponível nos sites: http://www.plan.org.br e http://plan-international.org.

sofrido *bullying* com agressões físicas mais de três vezes no ano de 2009. No entanto, os meninos agredidos disseram que dão pouca importância para o fato, declarando que tudo foi apenas brincadeira de mau gosto, minimizando a importância do ocorrido.

Já as alunas pesquisadas, discordaram dos meninos, não acreditam que as agressões sofridas sejam apenas por brincadeira de mau gosto, ainda revelaram que todo o sofrimento que tiveram com as agressões, despertou alguns sentimentos que elas acham desagradáveis, tais como: mágoa, tristeza e aborrecimento.

1.4. Características do gênero masculino e do gênero feminino que favorecem a prática do *bullying*.

Segundo Simmons (2004, p. 33), "entre os meninos é mais fácil identificar um possível autor de *bullying*, pois suas ações são mais expansivas e agressivas". De acordo com a autora o *bullying* praticado por meninos e o praticado por meninas se mostram diferentes. O *bullying* praticado pelos meninos é caracterizado por agressões físicas e de forma muito direta: socos, chutes, empurrões, perseguição, ofensas. Uma explicação provável para isso é a própria formação biológica do sexo masculino, pois são mais fortes. De acordo com suas pesquisas, o envolvimento dos meninos com o *bullying*, seja como agressor ou vítima, tem se mostrado maior que o envolvimento feminino.

A mesma autora afirma que, no universo feminino, o *bullying* é caracterizado por agressões sutis e indiretas, como: fofocas, olhares, sussurros, manipulações das relações de amizade, exclusão, difamação, entre outros. As agressões executadas pelas meninas são mais difíceis de serem identificadas, pois ocorrem de forma mais velada. "As manifestações entre elas podem ser fofoquinhas, boatos, olhares, sussurros, exclusão. As garotas raramente dizem o que as leva a fazer isso. Quem sofre não sabe o motivo e se sente culpada" (SIMMONS, 2004, p. 33).

Diferente dos meninos, e talvez até por uma imposição da sociedade, que caracteriza as mulheres como o sexo frágil, as meninas precisam transmitir um papel de "meiga", "frágil", por isso suas agressões acontecem de forma indireta e sutil.

De acordo com a autora, uma característica que favorece as agressões das meninas principalmente entre o 5º e 8º ano é o valor atribuído aos grupos de amizades, essa é a época em que as meninas estão formando seus valores e as regras determinadas pelo grupo influenciam na autoestima.

1.5. Consequências do *Bullying* nos Meninos e nas Meninas

Os estudiosos do fenômeno partilham da opinião que após sofrerem esse tipo de violência, as vítimas de *bullying* passam a apresentar baixo rendimento escolar; dificuldade de concentração; ficam mais sensíveis; outras vezes se tornam mais agressivos, inclusive com os familiares; demonstram falta de vontade de ir à escola; sentem-se mal perto da hora de sair de casa; pedem para trocar de escola; perdem dinheiro ou materiais e não tem explicação para isso; se isolam; ficam deprimidos; evitam ficar junto com outras crianças, entre outros. Assim, todos esses fatores irão refletir negativamente no seu desenvolvimento, repercutindo inclusive no seu nível de aprendizagem. Fante (2005), afirma a vítima ainda poderá sofrer diferentes complicações psicológicas:

> [...] em conseqüência do *bullying*, a vítima poderá desenvolver reações intrapisíquicas com sintomatologia de natureza psicossomática: enurese, taquicardia, sudorese, insônia, cefaléia, dor epigástrica, bloqueio dos pensamentos e do raciocínio, ansiedade, estresse e depressão, pensamentos de vinganças e de suicídio, bem como reações extrapisíquicas, expressas por agressividade, impulsividade, hiperatividade e abuso de substâncias químicas (FANTE, 2005, p. 80).

Lopes Neto (2005) também ressalta que não somente as vítimas do *bullying* sofrem as conseqüências dessa prática violenta, mas também o agressor, pois ao sentir satisfação e prazer nos atos de violência praticado, não consegue perceber que são atitudes anti-sociais, sendo que essas vão se tornando comuns e consequentemente esse comportamento é transferido para a vida adulta.

De acordo com Simmons (2004), para as meninas vítimas do *bullying,* o maior e mais acentuado sentimento é o medo da rejeição do grupo e da solidão, mas ela ainda afirma que toda pessoa, seja ela menino ou menina, sofre com a exclusão e que o desejo de todos é de construir amizades e ser aceito por todos.

2. MÉTODOS

A metodologia científica escolhida para a realização do presente estudo foi a abordagem qualitativa, tendo como estudo de caso o seu foco principal. Participou do estudo um grupo formado por 52 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. Após a investigação bibliográfica e da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Oeste Paulista (Protocolo: 1493), realizamos a pesquisa de campo em

uma escola pública municipal, localizada em um bairro da cidade de Presidente Prudente (SP).

Para a coleta de dados, utilizamos um questionário, baseado no modelo estruturado pela instituição inglesa Kidscape[2], contendo questões dissertativas e de múltiplas escolhas. As primeiras questões intencionavam caracterizar a população investigada, portanto solicitava informações acerca de sua faixa etária, etnia, sexo, moradia etc. Os dados obtidos na aplicação do questionário foram submetidos a procedimentos de análise qualiquantitativa. Os resultados dos dados tabulados e analisados serão apresentados a seguir.

3. RESULTADOS

Participaram desse estudo 52 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, sendo 21 meninos e 31 meninas. Do total de alunos participantes da pesquisa, apenas 01 tinha 11 anos e 04 meninas tinha 09 anos de idade. Os demais (47 alunos) possuíam 10 anos. Com relação à etnia 15 meninos e 26 meninas se declararam brancos, os demais afirmaram ser negros. Todos os alunos entrevistados moram em bairros próximos à escola. Destes, 18 meninos e 25 meninas, informaram que mora com os pais, o restante mora com os avôs.

2 Questionário elaborado para ser aplicado nas escolas, pela instituição inglesa *Kidscape* que há anos se dedica ao tema *Bullying*. Está disponível no site: www.kidscape.org.uk.

Tabela 01. Caracterização dos alunos participantes da pesquisa.

Série	Gênero	Idade			Etnia		Moradia	
5º ano		9 anos	10 anos	11 anos	Branco	Negro	Pais	Avós
Masculino	21		20	1	15	6	18	3
Feminino	31	4	27		26	5	25	6

Com a finalidade de conhecer a visão que os alunos possuem sobre eles próprios, iniciamos a pesquisa questionando como eles se caracterizavam. Como podemos observar na figura 01 a seguir, 19% dos meninos afirmaram ser seguros e bonitos; 28% bonitos e magros; 24% se sentem seguros e agitados; 10% pouco sociáveis; 05% inseguros e gordos e 14% afirmaram que são feios e quietos.

Com relação às meninas, observamos que apenas 06% se sentem seguras e bonitas; 10% se acham bonitas e magras; 19% dizem que são seguras e agitadas; 23% se acham pouco sociáveis; 16% inseguras e gordas e 26% feias e quietas.

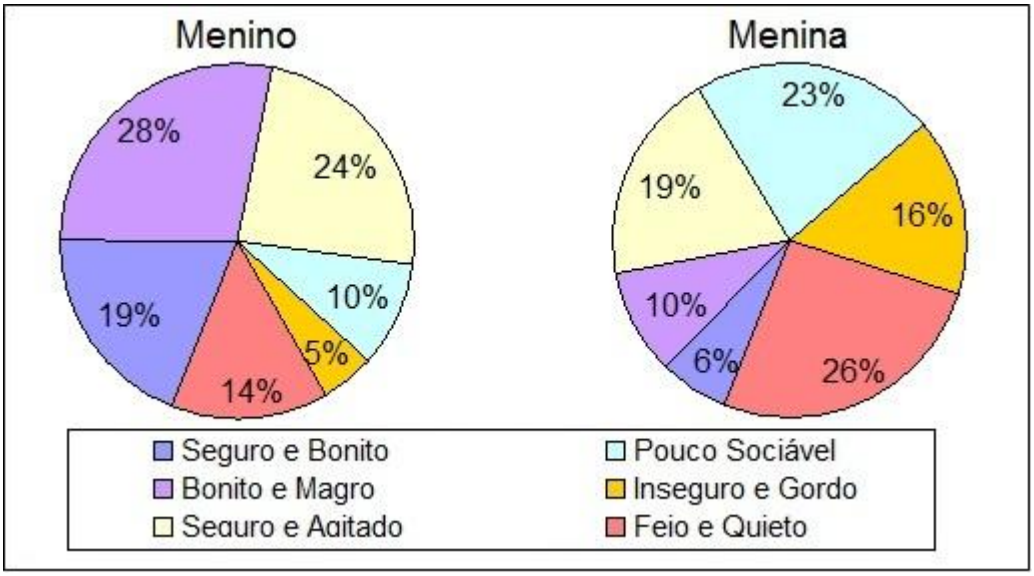

Figura 01. Características escolhidas pelos alunos.

Dos alunos entrevistados, 10 meninos e 16 meninas disseram que seus melhores amigos são da sala de aula, outros 04 meninos e 03 meninas afirmaram que são da igreja os seus melhores amigos e, por fim, 07 meninos e 12 meninas contaram que os seus melhores amigos são os da rua em que moram.

Ao serem questionados sobre os momentos que acham mais desagradáveis na

escola 14% dos meninos e 26% das meninas disseram ser a entrada, a aula foi citada por 19% dos meninos e 19% das meninas como o momento mais desagradável, o período do recreio foi lembrado por 34% dos meninos e 29% das meninas, e, por fim, a saída foi citada como o momento mais desagradável na escola por 33% dos meninos e 26% das meninas.

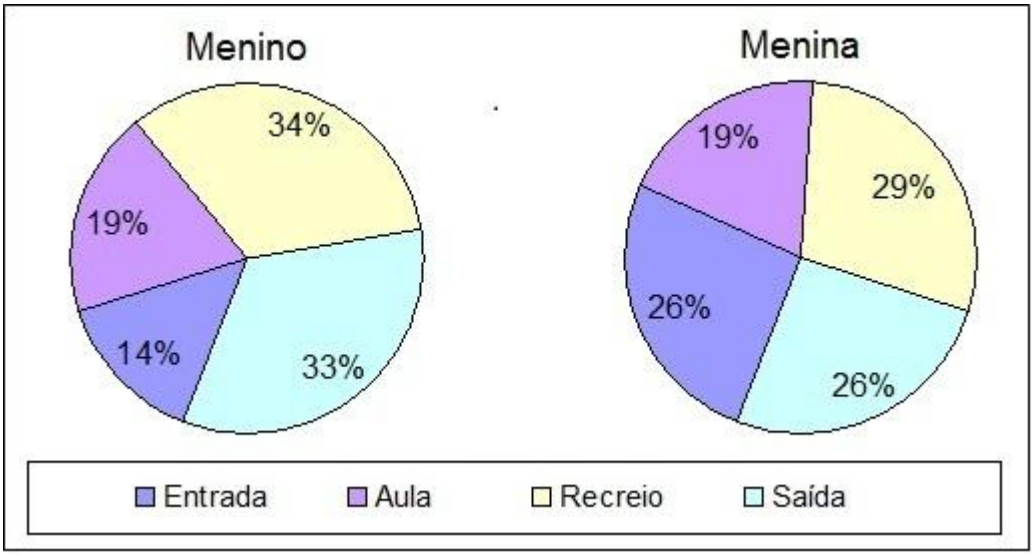

Figura 02. Momentos mais desagradáveis na escola.

Ao serem questionados se já brigaram na escola, 13 meninos e 20 meninas responderam que sim, e a maioria, 61% dos meninos e 55% das meninas, afirmaram que as brigas aconteceram diversas vezes. Pedimos então que apontassem quais foram os tipos de agressões sofridas, e, como podemos observar na figura 3, a agressão física foi maior entre os meninos (27%), e apenas 04% entre meninas, 08% dos meninos disseram ter sofrido agressão verbal contra 16% das meninas; 23% dos meninos e 24% das meninas disseram que foram vítimas de apelidos e piadas; ainda 05% dos meninos e 14% das meninas afirmaram que as agressões sofridas foram emocionais e de isolamentos. Podemos observar também que 03% dos meninos e 05% das meninas foram vítimas de racismo. Apenas os meninos (05%) disseram ter sofrido agressão sexual, afirmaram nunca ter sido agredidos ou intimidados 21% de meninos e 19% das meninas.

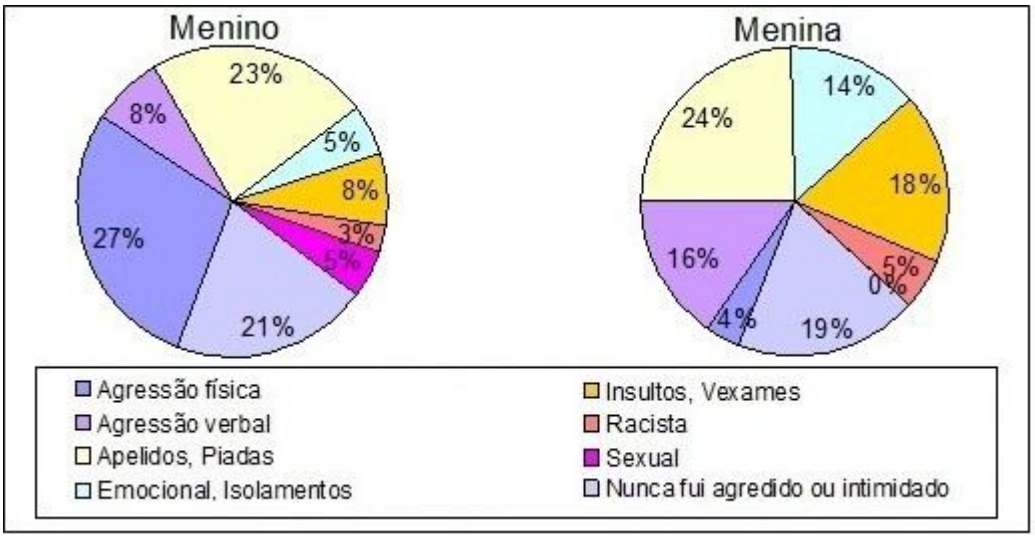

Figura 03. Tipos de agressões sofridas.

Nessa pergunta relacionada ao tipo de agressão, as crianças podiam relatar como foram as agressões sofridas. Algumas meninas apontaram as seguintes respostas:

> *"as meninas da outra sala quase todo dia ficava me chamando de baleia, porque estou um pouco acima do peso ideal pra minha idade, eu falei pra professora mas não adiantou, elas continua, até mensagem no meu celular elas mandaram."*

> *"No começo eu não liguei, mas depois eu chorava e daí eles começaram a me chamar de bebezona, falava que eu tomava banho com sabonete de carvão, me chamavam de macaca"*

> *"Elas fazem piadas desagradáveis, até na internet faz inferninho de mim."*

Os meninos se expressaram da seguinte forma:

> *"Desde que eles começaram a me zuar, eu ficava incomodado e com raiva e vergonha, tinha muita coisa ruim comigo, até que eu bati nele, mas eu me senti mal e desconfortável."*

> *"Um dia na escola eu estava brincando com os meus colegas, eu não fiz nada com o menino e ele me bateu, daí eu bati nele também, agora eles não deixam eu jogar e me chamam de quatro olho."*

> *"Antes disso acontecer, um deles era um dos meus melhores amigos, daí nós tava brincando de pega-pega e um deles começou a me chingar e eu falei pra ele não me chingar mais, daí ele veio pra cima de mim querendo me bater e foi daí que os dois começaram a rir de mim e não pararam, eu me sinto muito mal, porque eles era meus amigos"*

> *"Eu fui chamado de gay, me deram socos, chutes, me*

> *ofenderam, eu fiquei triste e magoado, com raiva, e não queria mais ir pra escola."*

Com relação aos locais onde aconteceram as agressões, os dois gêneros, meninos 62% e meninas 65%, afirmaram que seus agressores andavam em turma. Os alunos ainda responderam sobre os locais onde aconteceram as agressões, a figura 04 nos mostra que 14% dos meninos e 05% das meninas disseram que as agressões aconteceram no caminho da escola; 29% dos meninos e 32% das meninas disseram que sofreram agressões no pátio da escola; disseram ter acontecido no refeitório 25% dos meninos e 20% das meninas; verificamos que sofreram agressões no ponto de ônibus 21% dos meninos e apenas 03% das meninas; ainda 18% das meninas e 03% dos meninos disseram ter sofrido agressões pelo celular; observamos também que 22% das meninas e 07% dos meninos disseram que foram agredidos por meio de redes sociais (*facebook*).

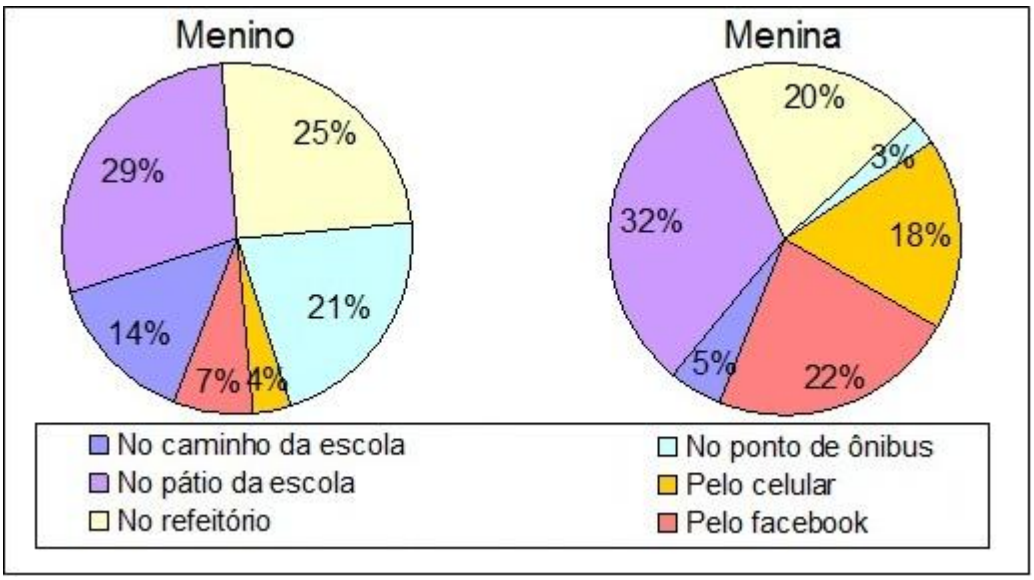

Figura 04. Locais onde sofreram agressões.

Ao serem questionados sobre os seus sentimentos após sofrerem as agressões, 23% dos meninos e 35% das meninas disseram que ficaram assustados, relataram ter sentido medo 31% dos meninos e 20% das meninas; 15% dos meninos e 05% das meninas disseram que não se incomodaram, e, por último 31% dos meninos e 40% das meninas afirmaram que não queriam mais ir para a escola.

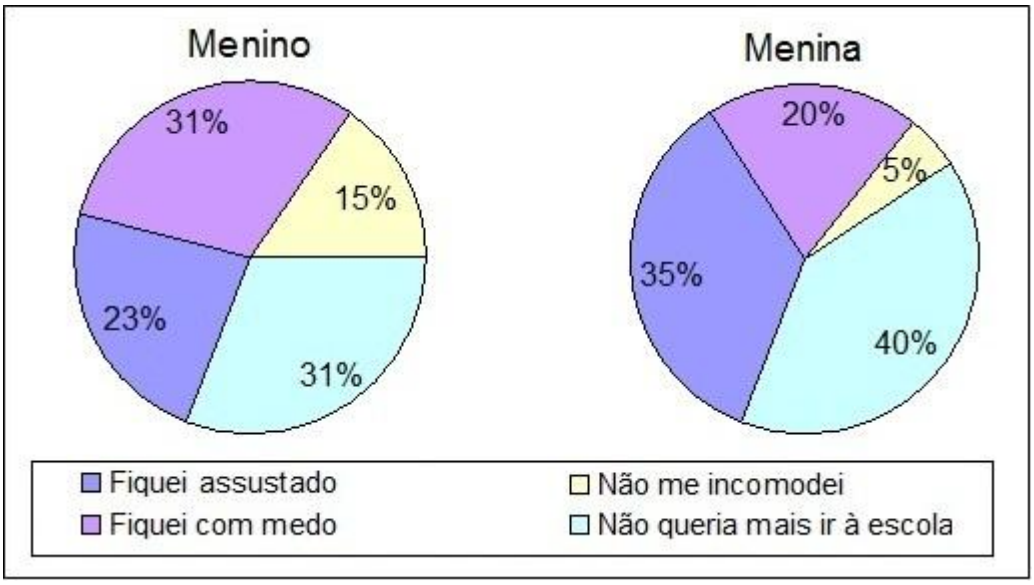

Figura 05. Sentimentos demonstrados pelos alunos após as agressões.

Quando perguntados se informaram o ocorrido a alguém após sofrerem as agressões, 31% dos meninos e 30% das meninas disseram que contaram para o professor; 08% dos meninos e 10% das meninas contaram para os pais; 23% das meninas e 45% dos meninos contaram para os amigos; e 15% dos meninos e 05% das meninas contaram para algum funcionário.

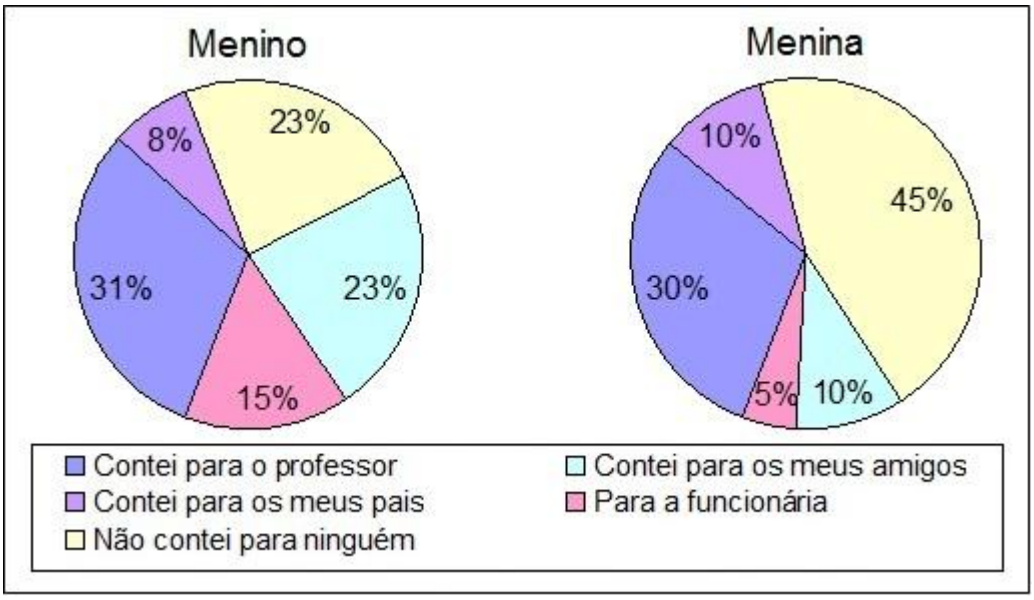

Figura 06. Pessoas informadas da agressão ou intimidação sofrida.

Os alunos também foram interrogados sobre o que sentiram em relação ao agressor, 54% dos meninos e 30% das meninas sentiram vontade de fazer o

mesmo com seu agressor, 08% dos meninos e 05% das meninas disseram que gostam deles; 15% dos meninos e 20 % das meninas afirmaram não gostar de seus agressores e por fim 15% dos meninos e 45% das meninas falaram que sentem raiva deles.

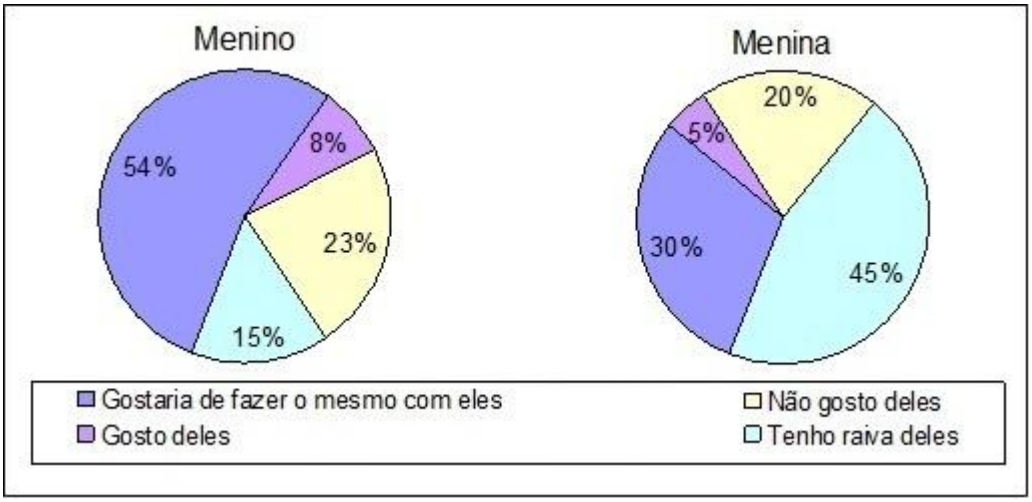

Figura 07. Sentimentos em relação ao agressor.

Dentre os alunos vítimas das agressões ainda questionamos o sexo do seu agressor. 92% dos meninos disseram que foram agredidos por outros meninos e 60% das meninas afirmaram que as agressões sofridas foram praticadas por outras garotas. Eles ainda responderam se agrediram ou intimidaram alguém na escola, sendo que 90% dos meninos e 87% das meninas disseram que nunca agrediram ninguém.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Segundo Fante (2005) as vítimas do bullying têm características psicológicas como: insegurança, baixa-estima, timidez, ou assim como destaca Silva (2010) apresentam alguma marca que os fazem se sentir diferentes ou diminuídos. Podemos observar claramente, uma insegurança maior nas meninas em relação às suas características, pois quando verificamos os resultados ele nos aponta que 14% dos meninos se sentem feios e quietos, esse percentual é bem mais elevado entre as meninas 26%. A insegurança relacionada a obesidade é citada por apenas 05% dos meninos, contra 16% das meninas e talvez por se incomodarem tanto com essas características, 23% das meninas se sentem pouco sociável.

Os resultados revelam que os momentos mais desagradáveis na escola são o recreio e a saída, pois são citados por 34% e 33% dos meninos respectivamente. De modo semelhante, as meninas também citaram esses momentos como os mais desagradáveis, além da entrada, lembrado

por 26% dalas. Esses dados convergem com o que nos diz Silva (2010) ao destacar que os comportamentos agressivos acontecem com maior frequência nos momentos em que os alunos estão aglomerados, como na entrada e saída, durante o recreio, em lugares como o pátio e refeitório, pois esta aglomeração dá a falsa impressão de que não estão sendo notados, e por esse motivo sentem liberdade para empurrar, encarar, esbarrar, xingar, sem tanta discrição.

O bullying se caracteriza, conforme Silva (2010), Cezar (2010) e Fante (2005), com uma série de atitudes violentas que podem ser físicas ou psicológicas, que ocorrem de forma repetitiva por um agressor/autor contra uma vítima/alvo incapaz de se defender, causando dor e angústia aos envolvidos. A presença dessa prática na escola investigada é confirmada tanto pelos meninos quanto pelas meninas que afirmam ter se envolvido em brigas por vezes na escola (13 meninos e 20 meninas).

Observamos que as características do bullying sofrido por meninos e meninas são semelhantes às descrições feitas por Simmons (2004). A agressão física foi predominante entre os meninos (27%). Já entre as meninas (24%) predominam as agressões verbais, tais como: piadas e apelidos, etc. Estas relatam que recebem apelidos que não gostam, tais como: “baleia, pé grande, dente de arame”. Destacam ainda que falam coisas sobre elas que não é verdade e outras se ressentem de sofrerem isolamento do grupo (14%). Os dados demonstraram que as meninas agridem com sutileza, olhares, fofocas, rejeição e desprezo tornando as agressões mais difíceis de serem identificadas, até por que muitas vezes estas agressões acontecem dentro do próprio núcleo de amizade.

Vemos nitidamente que uma das consequências do bullying nas vítimas é a fuga, ou seja, o desejo de não mais ir a escola (31% dos meninos e 40% das meninas). Simmons (2004) nos alerta que talvez seja esse o primeiro sinal de que o fenômeno está acontecendo. Tal constatação deve servir como um mecanismo de alerta para os pais e para a escola que, diante destes, jamais deve se omitir e ignorar os fatos.

Quando estas agressões acontecem, há nos meninos maior iniciativa para contar aos professores e amigos, (31% e 23% respectivamente). Porém, infelizmente, as meninas por sentirem medo e muita vergonha preferem contar apenas para alguns professores (30%). Um percentual bastante elevado destas (45%) não revela a ninguém que estão sendo agredidas física ou psicologicamente.

Percebemos também um intenso sentimento de vingança e raiva entre os meninos (54%) e as meninas (30%) quanto ao

agressor. Ambos os gêneros sentem vontade de fazer o mesmo com os seus agressores.

Observamos ainda que a pratica do bullying se dá de igual para igual, ou seja, as meninas (60%) agridem mais meninas e os meninos (92%) agridem mais meninos.

Por fim, ressaltamos aqui alguns limites dessa pesquisa, pois o fato de ter sido realizada em apenas uma escola, com participação de um número reduzido de alunos (52), poderia apresentar resultados diferentes, caso fosse realizada em várias escolas, em diferentes bairros e com a participação de um número maior de indivíduos. Daí a importância de serem realizados novos estudos sobre o assunto, de modo que possamos encontrar novas respostas e propostas para a solução desse problema social.

5. CONCLUSÃO

Os dados apresentados revelam que o gênero masculino e o gênero feminino precisa ser uma variável considerada na análise e interpretação do *bullying* na escola. Isto porque o envolvimento desses sujeitos com esta modalidade se dá de forma diferenciada. Se considerarmos que cada gênero vivencia, interpreta e reage à violência de maneira distinta, é necessário então que a escola pense em estratégias de prevenção que considere as especificidades físicas, psicológicas e sociais dos gêneros.

Embora os resultados desta investigação não sejam tão surpreendentes, um dado chama-nos atenção: o sigilo mantido pelas vítimas, especialmente pelas meninas, é um tanto quanto preocupante!

A escola precisa pensar em estratégias que coloque a disposição dos alunos (meninos e meninas) canais de comunicação que lhes possibilite pedir socorro. Mas, mais do que isso, diante da suspeita, da denúncia e da comprovação dos fatos, se faz necessário que a escola e seus agentes não permaneça passiva e omissa a esse tipo de violência, muita vezes interpretada como simples brincadeira de criança.

Nesse sentido, competem as instituições de ensino atuar na orientação, prevenção e enfrentamento do *bullying*. Para tanto, precisa contar com auxilio dos pais e, se necessários de outros profissionais que possam dar-lhe suporte.

A escola enquanto instituição social tem a responsabilidade de possibilitar aos seus alunos a vivência de relações sociais que privilegie o cultivo de valores tais como a amizade, o respeito, a união, entre outros. Quando a escola atua nessa direção, as práticas individualistas segregatórias e preconceituosas que caracterizam o *bullying* encontram pouco espaço para se proliferarem em sua comunidade.

REFERÊNCIAS

CEZAR, N. ***Bullying*****:** Preconceito, Estigmas e desafios da Educação para a Paz. 2010. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá.

FANTE, C. **Fenômeno *Bullying*:** como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Versus, 2005.

KIDSCAPE: Questionário sobre *Bullying*. Disponível em: <http://www.observatoriodainfancia.com.br>. Acesso em: 08 mar. 2012.

LOPES NETO, A. A. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, nov. 2005.

LOPES NETO, A. A.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o *Bullying***. Rio de Janeiro: ABRAPI, 2004.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário Inglês-Português, Português-Inglês**. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

PLAN BRASIL. **Pesquisa**: *Bullying* escolar no Brasil: Relatório Final. Brasil. 2010. Disponível em: <http://www.promenino.org.br/Portals/0/pesquisabullying.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2012.

SILVA, A.B.B. ***Bullying:*** mentes perigosas nas Escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SIMMONS, R. **Garota fora do jogo:** a cultura oculta da agressão nas meninas. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

Recebido para publicação em 21/08/2013
Aceito em 22/08/2013